

Conversando com Mario Sacramento

QUE SÁBADO COMENTA FERNANDO PESSOA EM MAIS UM «COLÓQUIO» DA ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS

Entre os ensaístas e os críticos literários portugueses, Mário Sacramento tem um lugar muito seu, e a obra que, felizmente não tem sido reconhecida como merece, ou melhor, como se impõe.

Capicé de Moniz Barreto da nossa literatura moderna, Mário Sacramento, médico de profissão, é um dos mais argutos especuladores críticos que têm surgido na vida literária nacional, tão limitada de talentos como o seu. Prova de tanto são as suas pesquisas ensaísticas sobre Eça de Queiroz e o seu recente livro: Fernando Pessoa, poeta da Hora Absurda.

Por ser assim, fez bem a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, em convidar Mário Sacramento para falar de Fernando Pessoa, no seu habitual «colóquio».

Pela nossa parte não podíamos deixar de procurar Mário Sacramento, para ele dizer qualquer coisa a propósito de si e do «colóquio» do próximo sábado, tão ansiosamente esperado.

— Qual o sentido que pensa dar ao colóquio do próximo sábado sobre Fernando Pessoa?

— O da interpretação objectiva das ideias ideológicas da heteronímia, e do seu conteúdo poético, levada a cabo através da análise de alguns poemas representativos. A poesia inabalada de Pessoa só pode ser entendida, penso eu, no amplo sentido que envolve, na riqueza temática e na densidade expressiva, se tivermos uma noção clara dos objectivos que o poeta se propôs exprimindo-se em quatro vozes diferentes, e das razões que o moveram a situar-se nesse caminho sem precedentes. Mas é necessário esperar, que outros problemas sejam levantados e discutidos, a margem desse.

— Por que esteve dez anos sem escrever?

— Porque o ensaio não é só dos livros... É também da vida! É deste, aliás, que eu gosto mais. O meu ensaio escrito vasa-se, não sei porquê, num estilo pesado, que me desagrada e desgosta. O meu estilo, no ensaio da vida, é um pouco melhor...

— Tal como sucede ao do Teatro Anatómico...

— Talvez. Quanto mais perto da vida, melhor ensaio, melhor estilo.

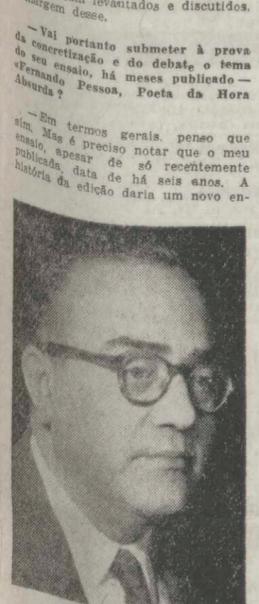
— Qual a história íntima (porque há de haver-lá) do livro de teatro que agora publicou?

— Já escrevi algumas que todo o crítico e ensaísta é um artista falhado. A ficção atraiu-me sempre... Mas o que cheguei a escrever, nesse domínio, não resistiu à minha própria crítica. Destruí contos, novelas e até um romance. Mas não devia fazê-lo, reconheço-o hoje, e só refiro o facto para que seja aproveitada por outros em iguais circunstâncias. O nosso equilíbrio moral e intelectual depende, em parte, da coragem dos actos falhados. O excesso de auto-crítica é um colete de forças. E todos nós precisamos dum grão de loucura em liberdade... Por isso deixei sair o meu livrinho de teatro. E um filho aleijado? É um filho de ternura... Ver-lhe os defeitos. Mas é preciso ganhar a coragem dos nossos defeitos necessários... E ter o cuidado apenas de os reduzir ao suficiente... Teatro? Ensaio-dramático? Pior? Não sei, nem quero saber, por ora. Aos outros críticos o faz, rem-me o que eu faço, com eles aos outros... Para compreender Moniz Barreto, por exemplo, é preciso ler o seu diálogo «Ángelo ou o emprego da vida». Por que havemos nós, os pequenos críticos, a almejar uma honra maior para nós que a que tiveram os nossos mestres?

— Projectos literários?

— Ensaio... Coleção Centauro...

— Em termos gerais, penso que o ensaio, apesar de o meu publicado, data de há seis anos. A história da edição daria um novo en-



UMA CARTA de Joaquim Paço d'Arcos

Meu querido amigo Dr. Ramos de Almeida:

Teve V. a gentileza de se ocupar brilhante e generosamente do meu livro «Carnaval e outros contos» no seu último número de crítica literária. Lamentou que eu tivesse dado ao livro este título «Carnaval», por achar este último muito mais de acordo com a natureza e conteúdo do livro.

Permita-me esclarecer que ninguém mais do que eu lastimou a escolha do título de «Histórias Cínicas e Sentimentais», mas o livro que, por simples coincidência, trazia o título de «Histórias Cínicas».

Todavia, parece-me que «Carnaval» o título do último conto da obra inteira, sintetiza de alguma maneira os aspectos: cínico, sentimental e humorístico que você diz que há por detrás da obra.

Y não foi por pretender que o último conto fosse o melhor que escrevi, mas sim porque o seu título era o que melhor correspondia ao conteúdo da obra.

De resto, esse último conto «Carnaval», que você considera o melhor, tem também o seu conteúdo, na evocação da infância, a Lisboa da penúria do tempo da primeira guerra mundial (1914-18) e dos assaltos que presenciou, na evocação da infância que há vinte anos pretendo punir-me pelo uso de expressões francesas e afrancesadas (está você talvez recordado?) e a qual, em quanto de suave e não ofensiva ironia.

Por isso espero que este meu esclarecimento o leve a aceitar como a palavra exacta na capa da obra que você classifica de cínica, sentimental e humorística.

Na ideia de que esta troca afectuosa de impressões possa interessar-lhes, agradeço-lhe, muito penhorado, as suas palavras de tanto apreço pelo meu livro.

Seu camarada, amigo e admirador arato

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

As razões pelas quais Joaquim Paço d'Arcos abandonou o título primitivo do seu último livro de contos — «Histórias Cínicas e Sentimentais» — substituindo-o pelo de «Carnaval e outros contos», já se próprio a tinha escrito no limiar do livro.

Não me parecem, no entanto, conclusivos nem definitivos, colacaria decerto no seu livro tal título, por causa das «Palavras» anos mas que provocaram escândalo suficiente para ainda se actualizar.

Quanto aquelas outras razões usadas para justificar o título eis por que me parece oportuno dizer: Quando Paço d'Arcos para o que já me parece uma concepção por representar a Lisboa da infância, a Lisboa da penúria do tempo da primeira guerra mundial (1914-18) e dos assaltos que presenciou, na evocação dum demia que há vinte anos pretendo punir-me pelo uso de expressões francesas e afrancesadas, declara o seu circunstancialismo, o crítico, ensaísta e professor brasileiro, Wilson Martins, comentou e Guy de Maupassant, dois supremos mestres do conto universal.

A Paço d'Arcos só direi: Permita-me que eu seja depois de «Cínicas e Sentimentais». — J. A.

COMO EU CONHECI CARLOS SOMBRILO



A vida passa depressa formando novas vidas e deixando outras na esteira do esquecimento. É a lei inexorável da Natureza, que se vai modificando numa cadência sempre igual, eliminando uns personagens e trazendo outros para o tablado da existência.

Parece que foi ontem e, no entanto, já muitos anos se esmurram nos mistérios do Tempo. Eu era muito novo e começava, então, os meus primeiros ensaios literários nos dois jornais locais onde via o meu nome em letra de forma assinando crónicas de urdidura ainda vacilante, onde apenas sobressaía o meu amor à terra e pouco mais... Nem experiência, nem expressão definida, nem amadurecimento intelectual, nem orientação, tinha de modo a tentar largos voos na senda ingrata das letras. Mestres — não os tinha; mas bons companheiros — os livros.

É foi na redacção de um destes hebdomadários provincianos, que eu conheci Carlos Sombriolo. Estou a vê-lo, numa reconstituição perfeita. Alto, apumado, elegante. Uma bondade activa, uma afabilidade espiritual, um acolhimento fervoroso, resscenda de lei.

Foi o primeiro contacto espiritual e literário e não esqueço o estímulo que me deu nem a quem te efusão dos seus conselhos, indicando-me um caminho, traçando-me uma directriz, que ao princípio segui, e depois deixei engrandecendo por outro rumo, mais conforável com a minha sensibilidade e o meu intuito de independência no campo literário e temático. Mas nunca esqueci as suas palavras calorosas que ainda se repercutem no meu espírito naquele tom de fraternidade em que foram ditas: «Continue, estude, trabalhe; não olhe para trás nem olhe para quem de si...»

Na minha admiração de adolescente, esqueci o homem, o escritor, e vi o amigo que incita a deixar transparecer a claridade do seu poder criador. Desde então, Carlos Sombriolo, como um fio de ternura penetrante, entrou-me no coração. Conquistou-me. E a minha amizade robusteceu-se e perpetuou-se mesmo depois do seu desaparecimento físico. A ele fiquei devendo, desde que o conheci, a sua sinceridade e os seus conselhos que me esclareceram e deram impulso às ansiedades que ferviam no meu peito. Sem dúvida que eu tinha muita admiração por Carlos Sombriolo e pela sua obra. Cada triunfo literário que o seu talento con-

quistava, nunca deixava de o felicitar. Ele respondia sempre, enternecido.

Voltei a ler há pouco essas cartas. Repetiu-se em mim a emoção. São relictários, sempre o mesmo estilo rico em que mesmo estufo nos seus livros. A par dessa correspondência serena, sentimental, onde o homem denunciava o escritor e o escritor o poeta, as suas obras literárias, que acabo de ler com agrado, são a retracção dum virtuosismo que bem pôde classificar-se de último abencerram dum período de um romantismo que deve ter agonizado no século passado. Efectivamente, Carlos Sombriolo, paralelamente ao seu apuro e subtilidade no trato e na intenção, foi um idealista, um romântico, sobretudo um místico do belo, que nunca se adaptou ou serviu o materialismo do seu tempo. Vivia para a arte numa absorção quase total.

Ele amava a vida, era esfrvo dela, do seu palatir, mas desajava em beleza, em ternura, em bondade, em encantamento, sem ódios, sem quezílias, sem sopros de revolta a dividir os honores. Toda a sua produção bibliográfica, diversa, vasta, assenta em novas formas de beleza e de estilo, baseada em novos conceitos. Foi um poeta, um escritor, um cronista de prosa fluente, terna, incisiva, perdendo-se por vezes em abstracções, preso a encantos, a devaneios a que o seu temperamento sensível de esteta da palavra não sabia ou não podia furtar-se. A sua fecunda, multimoda imaginação, em lampejos fulgurantes, conduzia-o, emocionava-o, e ele deixava-se arrastar, aliciado no sonho, enamorado da Natureza, tentando não ver o que via e ver o que não podia ver...

O mar, a serra, foram as suas aliciantes, dominadoras paixões, aparecendo em todas as páginas das suas obras. Ele descreveu o mar, os seus perigos, as suas trações; falou dos que vencem ou são vencidos pelas suas iras; discretou vezes sem conta sobre a serra da Estrela, e xalhou a grandeza dos seus panoramas, ora belos, ora selvagens; referiu-se aos pastores, à sua vida parada, melancólica e infeliz; tocou hinos, apóios vibrantes à Beira e foi o seu cantor ideal.

A sua sensibilidade muito viva, explodiu, entusiasmava-se com todos os fenómenos, caprichos, curiosidades da Natureza. Sempre que subia até Gouveia, terra que amou com devoção, tornando-

—se seu idólatra, o seu espírito, o seu subconsciente tinha frémits de júbilo, extasiava-se em frente da montanha ou do vale, que a sua pena traduziu em imagens graciosas e inesquecíveis.

Ele foi um enamorado da montanha como o foi do mar do seu mar da Figueira da Foz, ora revolto e arreste, ora manso e doce quebrando-se em espuma e rendas na areia movediça.

As suas obras literárias, «Sombras», «Aguas da Beira», «Resignadas», «O meu Romanço»; novelas, contos, romances; os seus estudos relacionados com a «Celebração do Centenário de Camilo», na Figueira; sobre Garrett, João de Barros, João Reis e Florbela Espanca, deram-lhe notoriedade. Os contos «Junto ao Mar» e «Rumo ao Dever», de pequenas dimensões, mas belos na sua contatura e subtileza, e alcance social, mereceram a Rosa de Ouro nos Jogos Florais da Emissora Nacional.

Como conferencista, marcou presença. «Figueira da Foz, suas tradições populares e cantos»; «Associação Naval no passado e no presente»; «O Sentimento Saudade na obra de alguns poetas e alguns artistas», e outros mais em que evidenciou o seu estilo a sua intenção e a sua personalidade. Nas «Cartas Perdidas», nos «Diálogos», em «Seguidos», o seu temperamento e a sua sensibilidade de romântico, ficou especialmente vencedora. São poemas em prosa, convulsões íntimas, confidências, ímpetos do seu subconsciente, que se nos revelam e emocionam e nos mostram toda a plenitude da sua alma tocada de espiritualidade e de anseio.

Escreveu ainda «Instinto de Sangue»-teatro. Como repórter, foi expressivo, vigoroso no «Crime de Lazarinho» e nos reportagens que tinham sempre o cunho vivo da oportunidade e da vibração. Em 1942, publicou um ensaio literário e biográfico sobre «Beldemónio», com nome imortalizado por uma obra vivida entre a rebeldia e o talento, segundo a sua própria expressão, sendo nessa ocasião, com o patrocínio da Câmara Municipal, do «Notícias de Gouveia», e de Carlos Sombriolo, fixada uma lápide comemorativa na casa em que nasceu «Beldemónio».

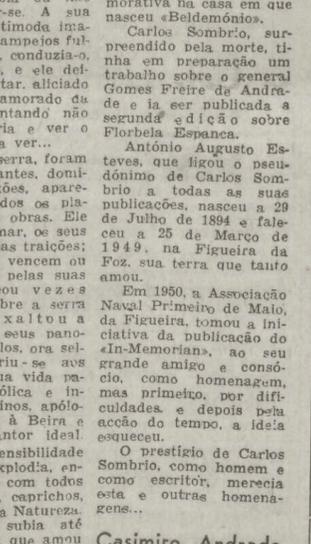
Carlos Sombriolo, surpreendido pela morte, tinha em preparação um trabalho sobre o general Gomes Freire de Andrade e ia ser publicada a segunda edição sobre Florbela Espanca.

António Augusto Esteves, que ficou o pseudónimo de Carlos Sombriolo, a todas as suas publicações, nasceu a 29 de Julho de 1894 e faleceu a 25 de Março de 1949, na Figueira da Foz, sua terra que tanto amou.

Em 1950, a Associação Naval Primeiro de Maio, da Figueira, tomou a iniciativa da publicação do «In-Memoriam», ao seu grande amigo e consócio, como homenagem, mas primeiro, por dificuldades e depois pela acção do tempo, a ideia esqueceu.

O prestígio de Carlos Sombriolo, como homem e como escritor, merecia esta e outras homenagens...

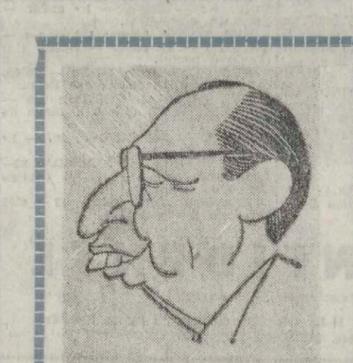
Casimiro Andrade



Esta foto reúne alguns dos vultos intelectuais mais importantes do centro do país, que se destacaram nas últimas décadas trabalhando nas letras, no jornalismo, nas Artes. Da esquerda para a direita: Luís Xavier, arquiteto; Cardoso Maria, poeta; prof. Joaquim de Carvalho, filólogo e historiador da Cultura; dr. Joaquim da Silva, bibliógrafo; dr. António Silveira, advogado e publicista; dr. Pedro Assis, veira, bibliógrafo; dr. Carlos Sombriolo, escritor; dr. António Lopes Dias, publicista; João Reis, pintor; Carlos Sombriolo, escritor; dr. Octaviano de Sá, jornalista e advogado, publicista; Adolfo Santiago, grande proprietário e amigo dos Homens de Letras.

SUPLEMENTO LITERÁRIO 285

JORNAL DE NOTÍCIAS * 23 - ABRIL - 1959



BUSTO DE BANDEIRA FILME EM SÉRIE

Esse caso do busto de Manuel Bandeira, está virando filme em série. «Inaugura» «Não inaugura». Briga na Assembleia Estadual de Pernambuco. Ameaça de jogarem o busto no Capiberibe Ordem do prefeito do Recife no sentido de «azerem a inauguração Novas ameaças. Entrevistas de um lado e do outro. Mário Melo entrando com uma acção na Justiça e dizendo pela centésima vez: «O busto não irá para o Parque 18 de Maio. O disco a quatro.

Encontrei Bandeira na Livraria São José:

— Vai ser mesmo em Maio a inauguração?

— Não. Resolvemos esperar o pronunciamento do Judiciário — respondeu ele.

— É que Gilberto Freyre — que chefa no Recife os que estão pró-busto — mandou dizer ao poeta que o grupo contrário continua fazendo ameaças. O usineiro e banqueiro Odilon Ribeiro Coutinho — principal inspirador da homenagem, meocenas que custeou o busto e vai mandá-lo de camião para a capital pernambucana, além de levar para os festejos programados uma caravana de escritores cariocas — foi ver de perto o que acontecia e trouxe notícias tranquilizadoras: «Correm boatos, é verdade, mas boatos sem muita base. De resto, o Judiciário vai se pronunciar a respeito do caso e a vitória será líquida e certa. De qualquer modo, vamos esperar esse pronunciamento. A inauguração ficará para depois, por que quem ri por último ri melhor...»

Portanto, a coisa está nesse pé. Não será mais em Maio a inauguração. E a pendenga continua na próxima semana...

POESIA

Olinda e Caruarú

Ao Álvaro Lins
Ao Ramos de Almeida

Longe e distante, a paisagem perdida
Onde só a infância coube: desbaratada e
[breve...]

Para um, a orla do mar: azul com espumas
[alvas]

Para outro, já quase o Nordeste bravo, hostil, aventureiro

Ortancas, brincavam juntos...
Jogaram futebol com a bola do sonho...

Em volta, o Recife de Castro Alves e Manuel Bandeira.

Encharrado das eternas ideias que liberta
[ram os Homens...]

Depois a vida ficou a separados
E o mar, e a juventude, e a implacável
[força do tempo.]

O Encontro chegou tarde, inesperado, mas
[feliz...]

Ambos ainda sonhavam mas já combatiam.

A metrópole assistiu: serena e triste
Ao som de um toque dengoso de guitarras.

A Liberdade juntou-os, no mais honrado
[convívio.]

Tinham uma mensagem universal e humana
[para dizer.]

E disseram-na: sinceramente, pausadamente.
Como se cantassem uma canção.

YOLANDA SALLES

UM ONTEM CÃO

Surgiu em Fevereiro último a revista surrealista «Pirâmide».

O seu primeiro número traz a abrir a seguinte «notícia»: «Os textos apresentados são em maioria rigorosamente inéditos, sendo igualmente inédita a tradução de António Artand, que é pela primeira vez apresentado em língua portuguesa.

Petrus Ivanovich Zorinsky (heterónimo de Mário Sá Carneiro) tem um lugar definido ao lado de Raul Leal, outra figura gloriosa do Movimento Orpheu.

O Manifesto de António Maria Lisboa, impetuoso, agreste, justo, natural, surge agora para um maior convívio com o poeta.

Trata-se de um documento da maior gravidade, dum inacessível figura de herói, hoje colocada na primeira fila da poesia europeia. António Maria Lisboa morreu em 1953 e começa agora a viver.

A maior ou menor visão de conjunto, a tirar deste primeiro número, é uma exigência cumprida em relação ao público. O mesmo critério será adoptar em números subsequentes, aos quais se juntará a indispensável colaboração dos mais jovens valores da nossa lírica».

Até ao fim da «notícia», como se vê, — parece uma coisa séria, e mais ou menos séria continua na «Mensagem e Ilusão do acontecimento surrealista», de Mário Cesariny de Vasconcelos, mas logo a seguir canta de ralo o senhor Pedro Oom com esta poesia que transcrevemos na íntegra, por ser impossível citá-la de outra maneira.

UM ONTEM CÃO

No alto das nuvens
todo o ódio inconcebível
toda a mágoa molhada
todo o terror lhavejado
sobreveio da espuma
rebotou do nada

como

uma puloa
um elefante
ou
uma
esfin
oe

No alto
encom sobretudo
botões calunizados
de voz doce nas gargantas
secas e olhares de monstros
sobre os abismos
falsos

Tudo tudo
tudo tudo

veio da cristandade nas
canções da manteiga no
discursar dos queijos na
ditadura das pomadas
sem mas
sem alegria
sem
desejo
e sem
ambições

E com os ossos esmurrados
e as costas dobradas e os gestos fechados
à chave à chuva
na chaminé do luar
e nas pulgas dos padres com eléctricos
de recordações e loucuras

... ..
... ..
... ..

(Segue uma parte que não transcrevemos pelo respeito que devemos aos leitores)

se abrir no cérebro
uma lezíria deletéria
e rasgar-se na pele
uma comichão necessária
e levantar-se nas unhas
um medo tsé-tsé

SÃO
altares
erguidos no vento dos ventos
erguidos à chuva
e à chuva erguida ao luar
com murros soprados nos cérebros luzidos
da Escada que fala na Estrela dos cemitérios
por tudo e por nada

com Júlio à cabeça
com António à ilharga
e meninas ao colo

FIZERAM

Carabinas
das chaves com olhos
e um trono
dos veios abstractos
que habitam os gelos das turnas
malhas

As garrafas entoam plácidamente

NINGUÉM CONHECE
é desconhecido

NÃO PASSOU POR AQUI
ERA UM QUE LEVAVI
UMA TROUXA !

Talvez o último sortilégio das mãos aguadas
do primeiro canto das éguas recém-nascidas
talvez o amoroso ornar das bestas
talvez o sádico hemontizar dos presuntos
na febre do cio

Eles levantam o zelo nas nuvens
o cume nas crateras
e caminham
nasso a passo
com

cautelosa dos missionários
e a história gigante das freiras
e o roncar habilidoso dos centauros

com Prometeu nos intestinos
e os ventres atafalhados
de rosas, botões e cravos
pregos de estufa e bandeiras
desfraldadas

urros frescos
com pechinhos grelhados
unhas serrilhadas
Mitos à Gomes de Sá.

PEDRO OOM

A coisa é insusceptível de qualquer comentário literário ou mesmo pornográfico ou obsceno. Só nos resta mandar chamar a polícia ou um enfermeiro com uma camisa 4ª forças.